

A mãe escrava em "A lição do paleographo", de Marques de Carvalho, e "Mãe Preta", de Leão Pacífico Esaguy

Marta Antonia Ribeiro da Cruz
Alessandra F. Conde da Silva

RESUMO: No conto "A lição de paleographo", do escritor paraense Marques de Carvalho, publicado na coletânea *Contos Paraenses* (1889), conta a história da separação da escrava Josepha de sua filha Isaura, que promove a necessidade de Josepha aprender a ler, tornando qualquer outro aspecto externo, que não sejam os sentimentos maternos, indiferentes para a personagem. É o caso, por exemplo, no conto de Carvalho, da comemoração por ocasião da Abolição da Escravidão em 1888, em que Josepha isola-se dos demais na cozinha para continuar as lições do paleógrafo, no intuito de aprender a lição de leitura o mais rápido possível para se comunicar, através de cartas com a filha que está em outro país, ignorando a própria libertação. No poema "Mãe Preta", do judeu Leão Pacífico Esaguy, que integra a reunião de contos e poemas presente no livro *Nas noites indormidas e na solidão* (1995), os diálogos entre a ama de leite e a filha dos senhores manifesta, com intensidade, os laços afetivos e maternos gestados no âmbito das relações entre escravos e senhores de escravos nos idos do século XVIII e XIX, na Amazônia. Tanto o conto de Marques de Carvalho quanto o poema de Esaguy centralizam-se a partir das figuras femininas observadas sob o ponto de vista da maternidade. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é verificar como se constrói, no contexto escravista brasileiro, a figura materna da escrava no conto "A lição de paleographo", de Marques de Carvalho, e no poema "Mãe Preta", de Leão Pacífico Esaguy. Dessa forma, utilizaremos Franco-Junior (2009), no que diz respeito ao estudos dos elementos da narrativa; para análise da estrutura do poema de Leão Pacífico Esaguy, utilizaremos os apontamentos sobre poesia feitos por Massaud Moisés (2000); e, no que concerne ao estudo do tema, apoiamo-nos em Kayser (1976) e Trousson (1988).

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Escravidão. Marques de Carvalho. Literatura da Amazônia.

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Leão Pacífico Esaguy e João Marques de Carvalho são dois escritores representantes da literatura paraense. Este é um escritor do século XX e aquele é do período oitocentista. O autor Leão Pacífico Esaguy nasceu em Itacoatiara, cidade no interior do Amazonas. Suas obras refletem seu interesse pelos aspectos relacionados à cultura cabocla e a amazônica. Marques de Carvalho é um escritor oitocentista, que adotou o estilo naturalista. Procurou abordar em suas obras o papel de grupos marginalizados na região amazônica, incluindo negros e mulatos.

Dentre as obras deixadas por Esaguy, encontra-se o livro *Nas noites indormidas e na solidão* (1995). Trata-se de uma compilação que reúne contos e poesias do autor, construídos a partir de experiências vivenciadas por ele ou por pessoas que a ele fizeram relatos. Nessa produção, encontra-se o objeto de estudo de interesse desta pesquisa, o poema “Mãe Preta”.

Já a segunda obra selecionada para a produção deste trabalho, é o conto “A lição do Paleógrafo”, do livro *Contos paraenses*, de Marques de Carvalho. Uma característica marcante do Brasil oitocentista é a escravidão, o que faz deste tema a razão que justifica a escolha das duas produções literárias, pois ambas retratam esse período histórico, ainda que o conto de Marques de Carvalho tenha sido escrito no século XIX e o poema de Esaguy seja do século XX.

Ao considerar a Literatura brasileira referente ao período escravista, encontra-se certa carência de trabalhos científicos que retratem a vivência do gênero feminino enquanto escravas e também mães. Em relação às duas obras literárias selecionadas, elas apresentam um tema em comum, isto é, as duas personagens são escravas e mães.

A partir disso, destaca-se como objetivo desse trabalho verificar como se constrói, no contexto escravista brasileiro, a figura materna da escrava no conto “A lição do Paleographo”, de Marques de Carvalho, e no poema “Mãe preta” de Leão Pacífico Esaguy. Para que o objetivo central fosse alcançado, foram definidos como objetivos específicos: apresentar uma análise individual de cada uma das obras, considerando, principalmente, o papel das figuras maternas; destacar os pontos em comuns entre o conto e o poema, bem como discutir o papel da figura materna no período da escravidão com base em produções acadêmicas sobre o assunto.

MATERNIDADE E ESCRAVIDÃO NO POEMA DE ESAGUY E NO CONTO DE MARQUES E CARVALHO

O poema “Mãe preta” integra o livro *Nas noites indormidas e na solidão*, publicado em 1995. A obra reúne contos e poesias de autoria de Leão Pacífico Esaguy, que tematiza a vivência na Amazônia e os conflitos de ser, ao mesmo tempo, judeu e brasileiro. O autor “Leão Pacífico Esaguy” nasceu em Itacoatiara, uma pequena cidade no interior do Amazonas, em 1918, e era filho de imigrantes judeus oriundos da África (MENEZES, 2011, p. 1). As obras deixadas por Esaguy demonstram seu apreço pela cultura cabocla e pelo espaço paisagístico da Amazônia, assim como a forma de expressar literariamente esses elementos, seja através de expressões próprias da linguagem do homem amazônida, sejam as imagens evocadas em seus poemas, contos e romances.

O conto “A lição do paleógrafo” está presente no livro *Contos paraenses*, de 1889, de autoria de João Marques de Carvalho. Este foi escritor, diplomata e jornalista paraense, nasceu em 06 de novembro de 1866, em Belém, Pará. E faleceu, em 11 de abril de 1910, ao 44 anos de vida. A coletânea é dedicada pelo autor ao seu irmão, Antônio Marques de Carvalho e ao Comendador Domingo José Dias. A produção de João Marques de Carvalho é pouco conhecida nacionalmente. Há muita dificuldade de acesso a algumas de suas produções. Embora considerado um naturalista oitocentista, uma de suas principais características envolve, segundo a crítica literária, ir além do reducionismo e do cientificismo e positivismo, principalmente ao olhar para região amazônica, explorando em suas obras o papel de grupos que estavam a margem da sociedade, como negros, mulatos e pobres (SILVA *et al.*, 2014).

Primeiramente, a fim de estabelecer uma análise mais detalhada do conto “A lição do Paleografo”, é preciso considerar os operadores de leitura ou ditos conceitos, que são essenciais para a leitura minuciosa da narrativa, que serão considerados no conto em questão, conforme estabelece Franco-Junior em "Os operadores de leitura da narrativa" (2003).

Em linhas gerais, Franco-Junior (2003) expõe que em relação à narração é necessário considerar o acontecimento dos fatos, onde geralmente há existência de introdução, desenvolvimento e conclusão; a classificação do personagem, dada pela sua importância e grau de densidade psicológica; além disso, a definição do tipo e classificação de narrador, a partir de sua participação ou ausência na história e pelo seu discurso estabelecido na narrativa; e, por último, a focalização da história, definida com base na posição que o narrador exerce em relação à história (FRANCO JÚNIOR, 2003).

A partir disso, ao iniciar a análise do conto observa-se que apresenta três personagens. São eles: a escrava Josepha, sua filha Isaura e o comendador Pereira de Castro. O contexto da história se dá a partir da viagem da mulata Isaura para a Europa em companhia da família do comendador. A escrava, ao saber da viagem da filha, sente-se profundamente angustiada e aflita. O conto mostra que Isaura atenuava o sofrimento de Josepha, sendo o seu consolo. “E ela, a mãe estremosa que só vivia do terno affecto suavíssimo da filha”(CARVALHO; 1988, p. 120). Com isso, é notável que a presença da filha era capaz de remediar todo seu sofrer até então vivido, mesmo quando estava sob o poder de outro senhor violento.

Em contrapartida, a relação entre a escrava e seu atual senhor mostra-se de maneira amistosa, que se pode notar principalmente pelo diálogos entre ambos, como vemos no trecho do conto a seguir:

Mais comendador, ao vê-la concentrada e soluçando a furto, no dia seguinte, _ com os olhos, mundamente cheios de querulas expressões, fitos na rapariguinhas. _ acercou-se-lhe paternal e, com a voz molhada de benevolências, consolou-a a meio. (CARVALHO; 1889, p. 120).

Em uma dessas situações, Pereira de Castro, diante da tristeza da criada, faz questão de confortá-la e garantir que sua filha terá tratamento e educação de qualidade. Tentando assim, amenizar o seu sofrimento com a fala:“_ Que se não aflingisse, ponderou. A pequena voltaria com ele e com a família, d'ali a annos. E com quanta vantagem para ela! Prometia trazer-lha instruída, educada, elegante e feliz, __ uma verdadeira senhora.”(CARVALHO; 1889, p. 120 - 121).

Contudo, é visível que, apesar dessa relação, Josepha, ainda na condição de escrava, tinha no vínculo com sua filha a melhor maneira de encarar a sua dura condição. A retirada da filha seria como a retirada da vida, pois estaria privada daquilo que mais valorizava.

A história ocorre entre os anos de 1884 e 1888, ano da Abolição da escravatura, um marco histórico para o Brasil. Ainda durante a convivência com sua filha, até sua partida para a Europa, nota-se que a mulata tinha apenas 7 anos de idade. A partir dessa idade, quando foi separada da mãe, somente 3 anos depois da viagem, após completar 10 anos, e ao já saber ler e escrever, Isaura entra “pessoalmente” em contato com Josepha por meio de uma carta.

Até esse momento, desde a partida da filha, ainda que continuasse a existir, a vida de Josepha parecia ter perdido o sentido, pois a ausência da filha em sua vida torna sua vivência repleta de sofrimento e saudade. É justamente a carta recebida pela filha que confere à escrava um momento de alegria. Ao saber que a menina estava bem e que ela mesma havia escrito a carta, Josepha sente o peito encher-se de orgulho pela filha.

Esse momento marca também a disposição de Josepha para aprender a ler e a escrever, a fim de buscar por meio da carta manter o “contato” com a filha. Após isso, passados aproximadamente cinco anos, em 1888, especificamente, em 13 de maio daquele ano, no Pará, é vivenciada a abolição da escravatura no Brasil. Enquanto o cenário descrito pelo narrador demonstra a euforia dos demais escravos, alegres com a conquista da tão sonhada liberdade, Josepha mostrava-se alheia à realidade e à felicidade do momento.

Ao invés de alegrar-se com essa grande vitória, Josepha segura-se de fato naquilo que unicamente parece lhe interessar e o que aparentemente esteve empenhada a realizar: saber ler e escrever para estreitar os laços com a filha. Desde o momento em que recebera a carta de Isaura, envolvida pela determinação de aprender a ler, a coisa que unicamente lhe interessava era continuar suas lições para, enfim, poder ela mesma ter contato direto com aquilo que fora escrito por sua filha.

O poema “Mãe preta” de Esaguy apresenta também a temática da mãe escrava. Cumpre, inicialmente, considerarmos algumas noções sobre o poema antes de nos voltarmos ao seu teor temático. Para Massaud Moisés (2000, p. 88),

ao sistema harmônico de palavras (metáforas e termos de ligação) através das quais o ‘eu’ do poeta se expressa em seu conteúdo e em seu intrínseco ritmo, dá-se o nome de *poema*. Portanto, o poema seria a tentativa empreendida pelo poeta no sentido de representar seu mundo interior: uma súplica de sinais, de metáforas.

O poema em questão apresenta um teor narrativo. Tem como principais personagens uma ama de leite e uma criança branca, que desde o nascimento esteve sob os cuidados da criada. A história gira em torno do diálogo que ocorre entre as personagens, tendo início com o pedido da criança para a escrava contar uma história bonita. Diante do desafio, a escrava narra sua própria captura.

Reviver a tragédia de sua vida mostra-se extremamente doloroso para ela. A sua captura é descrita pela luta e pela resistência estabelecida contra seus algozes, e se mostra ainda mais dolorosa pelo fato de ser mãe, de ter sido separada de seu filho. A partir de seu relato, fica explícita sua origem. Veio escravizada da Guiné para o Brasil. Também devemos visualizar a crueldade e o tratamento degradante presente desde a captura até às desumanas condições dos escravos nos navios negreiros.

A ama de leite relembra a alegria de viver em seu país e poder desfrutar da liberdade ao lado de seu filho antes do momento em que foi capturada e passou a viver em cativeiro. Teve, portanto, a liberdade e a vontade de viver roubadas. O sofrimento da escrava somente parece ser amenizado, quando, finalmente, após a dor da perda de sua família, incluindo seu filho, é vendida para outros senhores, família na qual passa a ser tratada de maneira mais amistosa, embora continue escravizada pelos senhores e em situação de subalternidade.

Esse fato é carregado de significado, principalmente porque se torna ama de leite da criança com a qual mantém o diálogo no poema. Ao reviver o momento em sua memória, a escrava se

emociona. Diante dessa comoção, do contraste da tristeza da história e do sofrimento revivido (compartilhada também por outros escravos) e de ter ganhado outra família, a criança, boa ouvinte, demonstra gratidão pela escrava, prometendo um dia conceder liberdade à sua mãe preta.

A situação manifestada no poema é carregada de afetividade, tanto por parte da mãe preta como por parte da criança branca. No poema, observa-se que ambas têm estabelecida uma relação de afeto e de amor, de mãe e filha. A criança reconhece o papel da ama de leite, destacando a importância da escrava para a sua vida, sendo, igualmente, amada pela ama de leite. Mesmo diante da promessa da alforria, que para a maioria dos escravos significava o fim de seu sofrimento e o acesso à liberdade tão desejada, para a escrava, agora, isso não mais interessava, conforme vemos no poema:

Minha "fia" deixa a mãe preta
No lugar onde ela está,
Meus cabelos já estão brancos,
Não iria suportar
A nova separação
Daqueles que o coração
Me elegeu para amar.
Que faria a mãe preta
Quando fosse alforriada,
O que é que eu faria agora
Com a liberdade sonhada?...
Deixa - me estar como estou
Juntinho da minha flor,
Eu quero ficar aqui,
Eu quero morrer de amor...
Eu quero viver escrava
Escrava de tanto amor,
Contando histórias bonitas
Para você " linda flor". (ESAGUY, 1995, p. 90-93)

Ao ter o contato rompido com sua família de origem, com seu filho e a inserção em um novo núcleo familiar, a presença da criança alivia o sofrimento, tornando-se um refúgio. É ama que nos diz que "Um dia Deus teve pena / E me deu uma família. // Para você ver como é, / Para eu esquecer aquela / Que deixei lá na Guiné" (ESAGUY, 1995, p. 93). Nesse sentido, quais outras perspectivas para o futuro teria a escrava, se um dia, quem mais amou na vida lhe foi retirado? Depois de tanto tempo e de tanto sofrer, o afeto da ama de leite pela criança era a única coisa que tinha e lhe confortava o coração, aquecido de afeto e amor.

A partir da exposição das histórias presentes no conto e no poema, observa-se algumas semelhanças entre as duas, especialmente, por motivos temáticos. Trousson, em *Temas e mitos: questões de método*, esclarece que o tema provoca a "cristalização e particularização de um

motivo” (TROUSSON, 1988, p. 22), além de ser considerado “logo de início objecto literário, porque ele não existe senão a partir do momento em que o motivo se exprimiu numa obra, tornada ponto de partida de uma série de outras obras mais ou menos importantes, o ponto de partida de uma tradição literária” (TROUSSON, 1988, p. 22).

Para isso, também é preciso destacar que em obras literárias o motivo representa um acontecimento que se repete com determinada frequência, o qual é identificado uma situação causal que necessita de uma solução (KAYSER, 1976). Um motivo principal exposto e comum às duas obras é o sofrimento das mães quando separadas de seus filhos. Isso representa também um aspecto sacrificial comum vivenciado pelas mães negras durante o período da escravidão, que se cristaliza como tema, elemento estruturador, em “A lição do paleógrafo” e em “Mãe Preta”.

As duas histórias têm como personagens de destaque figuras negras femininas e maternas, as quais, ainda que em contextos diferentes, enfrentam a dor da separação de suas filhas. Isso mostra um aspecto importante e raro na literatura negra, pois é difícil encontrar trabalhos que estabeleçam a distinção de gênero e aborde especificamente a figura da mulher negra na escravidão. Em relação à escrava negra, que é também mãe, essa dificuldade é ainda mais acentuada (MACHADO, 2018).

As obras analisadas, ainda que estejam em contextos diferentes, tornam evidente o quanto em determinado momento de suas vidas as escravas mães enfrentavam o risco eminente de serem separadas de suas crias. Ainda que no conto este fato considere a passividade da mãe, e que no poema ocorra a resistência da negra capturada, é preciso destacar que, apesar da existência da submissão diante da repressão sofrida, a maternidade das negras escravizadas é marcada por um histórico de luta e resistência (BARRETO, 2021).

Um estereótipo marcante da estética branca dominante diz respeito à construção e caracterização do personagem negro enquanto "escravo nobre" na literatura. Isso fica evidente no caso de Isaura, que era mulata e provida de características consideradas melhores em relação aos outros escravos, recebendo, por isso, um tratamento melhor, incluindo a oportunidade de conviver durante um tempo significativo com sua mãe.

O mencionado estereótipo é característico de mulatos, que ao terem suas características influenciadas e expostas à opinião branca, ainda que na condição de escravos, ao passar a exercer posição de submissos, podem ter a disposição, dentre outros benefícios, o acesso à educação como um privilégio dado por seus senhores (PROENÇA FILHO, 2004). Contudo, vale lembrar que isso

não é regra, e que, além disso, muitas outras mães negras, assim como a ama de leite de “Mãe preta”, tinham o vínculo com seus filhos cortado prematuramente, pois eram capturadas em seu país de origem e já deixavam para trás uma família construída.

Outro ponto comum que se apresenta às duas obras é a questão da liberdade. Na primeira, isso surge a partir do marco histórico vivido por Josepha, a abolição. No poema, a liberdade surge na promessa, de um dia, a criança branca oferecer a alforria à escrava que outrora foi sua ama de leite. Percebe-se que o sonho da liberdade não representa algo que interessa a nenhuma das duas figuras maternas. À primeira porque foi afastada de sua filha, embora carregue a esperança de lê-la e revê-la, e à segunda, porque ao ser distanciada de sua filha biológica, tem na figura da criança branca aquilo que mais lhe interessa.

O período de referência compartilhado pelas duas obras antecede o período da abolição. A liberdade desejada somente poderia ser adquirida “legalmente” pela compra ou concessão. No conto, é evidente que a abolição é um momento histórico vivenciado pela escrava Josepha. Ao discorrer sobre o que representou “ser escravo no Brasil”, a autora Katia Mattoso fala também sobre a liberdade e abolição da escravatura. Mattoso (1982) apresenta, a partir do ponto de vista dos escravos, que na oportunidade de escolher a liberdade muitos preferiam continuar na condição em que estavam, pois tinham segurança e já estavam “adaptados” à vida com os senhores. Um aspecto explícito nas obras e que pode corroborar para isso é o vínculo estabelecido entre as escravas e as famílias que as mantinham escravas, embora houvesse apreço e consideração de ambas as partes. No conto, é evidente a relação entre a escrava e o comendador, e no poema, entre a ama de leite e a filha de seus senhores. A escolha de ignorar a própria liberdade ou de amar a criança do seu senhor fundamentou os laços afetivo e amorosos que uniram as escravas e as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema presente nos textos selecionados “Mãe preta”, de Esaguy, e “O Paleógrafo”, de Marques de Carvalho, ecoa a realidade que as escravas mães enfrentaram durante a escravidão no Brasil. Tais textos contribuem com a discussão sobre a figura materna no contexto escravista brasileiro. É preciso salientar que, ainda que as obras foquem de maneira humanizada no sofrimento das duas escravas mães, é imprescindível considerar que a maternidade no período da escravidão foi marcada pelo histórico de luta e resistência.

Apesar das figuras negras presentes no conto e no poema não serem retratadas em ambientes com condições degradantes e de violência, e que a construção literária foi capaz de amenizar e humanizar a face cruel da escravidão, observa-se que isso não era comum. Nem sempre a relação entre as escravas e seus senhores foi tão “amistosa”, como os textos estudados evocam. O próprio histórico das escravas e suas lembranças escancaram a crueldade e a submissão às quais os escravos estavam expostos.

Por último, consideramos que a condição de escrava e mãe é retratada por Esaguy e Marques de Carvalho de maneira sacrificial, mas ao mesmo tempo recebendo algum consolo. A vida só apresenta sentido para Josepha e para a mãe preta se estiverem perto de seus filhos ou das pessoas que passaram a amar. Os laços afetivos entre mães e filhos, portanto, para as personagens, sempre será o bem mais valioso de suas vidas.

Referências

BARRETO, P. S. **Mulheres escravizadas: gravidez, maternidade e as questões do trabalho no Brasil - século XIX (1830 - 1888)**. 2021. 24 f. Monografia (Bacharelado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, 2021.

CARVALHO, J. M. **Contos paraenses**. Belém: Pinto Barbosa & C. Editores, 1889.

ESAGUY, L. P. **Nas noites indormidas e na solidão**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1995.

FRANCO Jr., A. Operadores de leitura da narrativa. *In*: BONNICI, T., ZOLIN, L. O. **Teoria Literária**. 3 ed. rev. ampl., Maringá: EDUEM, 2009, p. 33-58.

KAYSER, W. **Análise e Interpretação da Obra Literária (Introdução à Ciência da Literatura)**. 6. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1976.

SILVA, A. V. F. *et al.* **Marques de Carvalho na imprensa periódica belenenses oitocentistas (1800- 1900)**. 2014. Orientadora: Germana Maria Araújo Sales. (Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras: Linguística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2014.

MACHADO, Helena Pereira Toledo. **Mulher, Corpo e Maternidade**. 2018. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*, 2018, p. 353-360.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós: **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MOISÉS, M. **A criação literária: poesia**. São Paulo: Cultrix, 2000.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

TROUSSON, R. **Temas e mitos: questões de método**. Lisboa: Horizonte, 1988.